

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SANDRA MARQUES ANTUNES

**PROJETO DE REFORÇO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES PARA EVITAR A
REPROVAÇÃO ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Tramandaí

2022

SANDRA MARQUES ANTUNES

**PROJETO DE REFORÇO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES PARA EVITAR A
REPROVAÇÃO ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul realizado sob orientação da Prof^a Dr^a Rejane Ramos Klein.

Tramandaí

2022

Antunes, Sandra Marques

Projeto de reforço escolar: Contribuições para evitar a reprovação escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental/Antunes. 10/2022. 53f.

Orientador: Rejane Ramos Klein.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Licenciatura em Pedagogia, Tramandaí, BR-RS, 2022.

1. Avaliação. 2. Reprovação. 3. Práticas Docentes. I. Klein, Rejane Ramos. II. O impacto da não reprovação escolar na prática docente nos anos iniciais do ensino fundamental

SANDRA MARQUES ANTUNES

**PROJETO DE REFORÇO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES PARA EVITAR A
REPROVAÇÃO ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção de título de
Licenciado em Pedagogia pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul realizado sob
orientação da Profª Drª Rejane Ramos Klein

Data de aprovação:

Banca examinadora

Profª Drª Rejane Ramos Klein (orientadora)

Profª Drª Elisete Bernardi Garcia

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha família, que acreditaram em mim e estiveram ao meu lado para que tudo isso fosse possível, especialmente, à minha mãe Sebila Madalena, mãe de quatro filhos que aos 82 anos está formando pela primeira um deles, sua filha caçula, em uma Universidade, e ao meu pai Belmiro (in memoriam), que sei, de onde estiver, está orgulhoso desta conquista.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, Jovelino e filha Bruna Rafaela, que estiveram ao meu lado durante estes quatro anos, com paciência e amor,

Às minhas colegas e amigas Greice, Larissa e Raquel, com quem compartilhei todas as aflições nos momentos de dúvida e dificuldade.

À minha orientadora Rejane, que abraçou meu tema, me inspirou e auxiliou durante esse caminho.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que possibilitou a realização de um sonho ao oferecer o ensino a distância em uma instituição pública e de qualidade no interior do Estado.

Falar sobre reprovação escolar remete ao meu passado pois, passei por isso. Por muitas vezes tive vergonha de falar a respeito e até hoje tenho dificuldade para lidar com o assunto, o impacto que a reprovação pode significar na vida do estudante, é difícil de ser medido. A repetência sempre criou, e continua criando, rótulos para os alunos e quero exemplificar com uma situação presenciada por mim neste ano, 2022, minha filha, aluna do 8º ano, nunca tinha tido um colega repetente, e agora tendo um, reparei que quando quer contar alguma coisa que envolve ele, ela usa esse adjetivo. Desta forma saber que atualmente existe uma preocupação em não reprovar, saber que existem estratégias, programas, me tranquiliza, pois com ajuda muitos alunos podem conseguir superar as dificuldades. (SANDRA ANTUNES)

RESUMO

Esta pesquisa trata sobre o impacto da não reprovação escolar na prática dos professores do Ensino Fundamental, nos anos iniciais. A pergunta central deste trabalho é: “Qual o impacto da não reprovação escolar na prática dos docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental? Como aporte teórico o estudo se pautou nos seguintes autores: Luckesi (1995), Viera (2010), Christofari (2006), Santos (2013), Boff (2010), Silveira (2016), Figueiredo e Avanzi (2010), Almeida (2019), Nunes (2010) e Gil (2018). A metodologia da pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, tendo como campo de pesquisa uma escola de Ensino Fundamental em um município da Serra Gaúcha. Foi utilizado para coleta de dados uma entrevista com a supervisora e aplicação de questionário com oito professores a fim de identificar como percebem o projeto de reforço escolar oferecido pela escola a determinados alunos que apresentam dificuldades para acompanhar a turma. Como resultados o estudo aponta para evidência de uma complexidade envolvida no processo de escolarização e acompanhamento das aprendizagens dos alunos. A reprovação precisa ser vista como a última alternativa da escola, pois ela necessariamente deve oferecer propostas diferenciadas com diversos tipos de recursos e oportunidades para todas as crianças nessa etapa inicial da escolarização. Percebe-se com esse estudo que os desafios são muitos e, por vezes, estão além do alcance da escola. Primeiro, passa pelo apoio da rede de ensino para a criação de projetos como esse que possam contribuir com as práticas docentes. Segundo passa pelo envolvimento dos docentes nessa proposta, revistando-a e avaliando-a constantemente. E terceira, passa pelas famílias, pois depois de identificadas as questões pelo professor, a conversa é realizada com os responsáveis, para a conscientização tanto da família quanto do próprio aluno, sobre a importância de buscar esse apoio. Considera-se que se faz necessário pensar juntos, professores e famílias para não apenas reforçar o que os alunos não sabem, mas oferecer propostas significativas que possam contribuir na aprendizagem mais efetiva de todos. Nesse sentido, também a avaliação precisa ser revista a fim construir uma proposta mais adequada a realidade da escola.

Palavras-chave: Reprovação escolar. Avaliação. Práticas Docentes. Reforço Escolar.

ABSTRACT

This research deals with the impact of not failing grades on the practice of elementary school teachers in the early years. The central question of this work is: "What is the impact of not failing in school on the practice of teachers of the early years of elementary education? As a theoretical basis, the study was based on the following authors: Luckesi (1995), Viera (2010), Christofari (2006), Santos (2013), Boff (2010), Silveira (2016), Figueiredo and Avanzi (2010), Almeida (2019), Nunes (2010) and Gil (2018). The research methodology was conducted through a qualitative approach, having as research field an elementary school in one city of Serra Gaucha region. For data collection, it was used an interview with the supervisor and the application of a questionnaire with eight teachers in order to identify how they perceive the school tutoring project offered by the school to certain students who present difficulties to keep up with the class. As results, the study points to evidence of a complexity involved in the process of schooling and monitoring of student learning. Reproach needs to be seen as the last alternative for the school, because it must necessarily offer differentiated proposals with various types of resources and opportunities for all children in this initial stage of schooling. This study shows that the challenges are many and, sometimes, beyond the school's reach. First, it involves the support of the school system for the creation of projects such as this one that can contribute to the teaching practices. Second, it involves the teachers' involvement in this proposal, reviewing and evaluating it constantly. And thirdly, it goes through the families, because after the issues are identified by the teacher, a conversation is held with the parents or guardians, to make both the family and the student him/herself aware of the importance of seeking this support. It is considered that it is necessary to think together, teachers and families, not only to reinforce what the students don't know, but to offer meaningful proposals that can contribute to the more effective learning of all. In this sense, the evaluation also needs to be reviewed in order to build a more adequate proposal to the school's reality.

Keywords: School failure. Evaluation. Teaching Practices. School tutoring.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Tipos de Avaliação.....	25
QUADRO 2 - Perfil dos Participantes da Pesquisa.....	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1.1 CONSTRUINDO A PROBLEMÁTICA DO ESTUDO	13
2 A REPROVAÇÃO NO BRASIL – BREVE HISTÓRIA E CAMINHOS PARA A MUDANÇA	17
2.1 BREVE HISTÓRIA DAS REPROVAÇÕES ESCOLARES NO BRASIL	17
2.2 OS DOCENTES E A REPROVAÇÃO NOS ANOS INICIAIS	19
2.3 APRENDER NA ESCOLA NÃO PODE SER UM MISTÉRIO	20
2.4 AVALIAÇÃO E REPROVAÇÃO – NÃO SÃO RESPOSTAS UMA DA OUTRA, AVALIAR É PARA AJUSTAR; REPROVAR É PARA PUNIR.....	23
2.5 A FAMÍLIA COMO INSTRUMENTO DE AJUDA NO PROCESSO AVALIATÓRIO	26
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	28
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS	30
4 REPROVAÇÃO ESCOLAR E AS PRÁTICAS DOCENTES	34
4.1 EVITAR A REPROVAÇÃO: PROJETO DE REFORÇO COMO POSSIBILIDADE DE CONTRIBUIR NAS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS.....	34
4.2 AS NECESSIDADES DE APOIO AO PROFESSOR PARA QUE TODOS OS ALUNOS APRENDAM	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	49

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce de uma das preocupações que nós docentes, formados no curso de licenciatura em Pedagogia, mais nos debruçamos nos últimos anos, que é o fator da não reprovação escolar nos primeiros três anos do Ensino Fundamental.

A busca pela qualidade de ensino no Brasil é complexa, estamos num país que é quase um continente, as diferenças sociais são imensas e o atraso da aprendizagem ronda nossos estudantes das mais variadas formas, seja pela ausência de estímulo, por problemas de aprendizagem e a falta de auxílio profissional, pelo descaso dos governantes em perceber que mudanças na educação são necessárias para que todos possam evoluir satisfatoriamente nos anos de escola.

A alfabetização e o letramento de nossos estudantes devem ocorrer entre o primeiro e o terceiro ano do Ensino Fundamental, ou seja, num ciclo, nesses três primeiros anos não há reprovação escolar, há uma busca pela consolidação da aprendizagem que está sendo oferecida, acreditando-se que no final do terceiro ano o aluno está completamente alfabetizado.

Sabe-se que isto infelizmente não acontece na grande maioria das vezes, a criança não apresenta o êxito esperado e durante os três primeiros anos arrasta-se na aprendizagem ocasionando atrasos não só aos demais estudantes, que precisam ficar estagnados nos mesmos conteúdos e na espera dos colegas como também ao docente que deseja trabalhar mais conteúdos e ampliar mais o leque do conhecimento aos seus discentes.

Como fica o docente com a preparação do trabalho pedagógico? Como conciliar alunos já alfabetizados com aqueles que ainda estão incipientes?

A pergunta e a preocupação persistem. Os três anos iniciais da escolarização são suficientes para que um aluno consolide sua alfabetização? Como fica o trabalho pedagógico, será que os professores têm formação para construir uma proposta adequada a essa ideia de ciclo? Como a reprovação escolar pode aparecer de outro modo que não seja como algo ruim? Mas quem sabe como possibilidade de fazer com que o aluno aprenda e consolide sua alfabetização antes de seguir para os anos finais.

O tema deste projeto de pesquisa é avaliação da aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental tendo como recorte temático o impacto da não reprovação escolar dos alunos que estão nesse primeiro ciclo em relação a prática docente.

A escolha deste tema advém de uma preocupação que sempre persistiu como estudante e como mãe de aluno, pois no cotidiano escolar nos debatemos com diversos alunos e colegas de nossos filhos, inclusive até estes mesmos, com severos problemas de alfabetização, passando de um ano para outro sem ter conquistado a independência para a escrita e para a leitura.

Se como para mãe e profissional da área da educação em formação isto é preocupante, busco com esse trabalho compreender o lado do profissional docente que em sala de aula está com esse aluno ou vários alunos sem o letramento apropriado. Por esse motivo intrigante este trabalho se faz presente e busca responder os questionamentos sobre esse assunto, para dar rumo a pesquisa formulamos uma pergunta central. A pergunta norteadora a ser respondida através deste trabalho é: “QUAL O IMPACTO DA NÃO REPROVAÇÃO ESCOLAR NA PRÁTICA DOS DOCENTES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL?”

Para que o Trabalho de Conclusão de Curso tenha êxito foram eleitos um objetivo geral e três específicos que seguem apresentados: como objetivo geral busca-se compreender o impacto da não reprovação escolar na prática dos professores do Ensino Fundamental, especialmente nos anos iniciais. Os objetivos específicos que auxiliarão na resposta da pergunta de pesquisa serão: Conhecer aspectos sobre a história do tema da reprovação escolar no Brasil que apontam para os deslocamentos na forma de entender esse tema e produzindo modificações na prática docente; Identificar os movimentos ocorridos na escola e no trabalho docente que foram invalidando ou evitando a reprovação escolar; Mapear ações ou encaminhamentos que foram pensados para fazer com que o aluno pudesse ir avançando em seu processo de escolarização.

1.1 CONSTRUINDO A PROBLEMÁTICA DO ESTUDO

Este trabalho se faz relevante, pois a avaliação escolar brasileira sempre foi pauta de discussão entre os docentes, pais e alunos. No entanto, uma pauta difícil de ser tratada devido a suas marcas deixadas tanto nos estudantes quanto nos docentes.

Nossa educação há anos vem sendo criticada pela repetência e evasão pelas mais diversas razões, deficiência na aprendizagem, falta de incentivo dos pais e familiares, problemas financeiros, emocionais e sociais, violência etc.

Analisando a aprendizagem do curso de Pedagogia e todos os embasamentos que foram nos concedidos, principalmente os que nos falam do currículo e da arte de gestão democrática e a importância dos Projetos Políticos Pedagógicos na escola serem corretamente formulados, com a participação da sociedade e da comunidade escolar, pergunto-me se não há algo errado, pois é a cada dia maior a quantidade de crianças que não alcançam a alfabetização no fim do primeiro ano e o letramento até o terceiro ano, como mãe e cursista busco compreender quais são essas razões e as influências que a não reprovação causa no trabalho docente.

Algumas questões podem ser colocadas em relação ao trabalho docente quando pensamos na avaliação: O que acontece com o trabalho do professor se ele se depara com diversos casos de alunos que apresentam repetência em sala de aula?

Como prever em seu planejamento um trabalho voltado para atender as necessidades específicas desses alunos?

Esses questionamentos que me faço em relação à docência tem relação direta com uma preocupação com todos os estudantes, pois sabemos que a prática docente não pode se preocupar apenas com alguns e ao mesmo tempo não pode voltar-se para todos, apagando as especificidades de alguns alunos que não conseguem aprender no mesmo ritmo.

A repetência faz parte de nossa história da escolarização e hoje ela tem se reconfigurado de uma forma muito diferente.

Passou-se a compreender que reprovar teria gastos altíssimos para a educação sem ter efeitos positivos de aprendizagem aos alunos reprovados. Pelo contrário, buscou-se olhar mais para o sistema educacional como um todo e identificar uma série de fatores que levam o aluno a reprovar. Portanto, passou-se a não mais olhar para esse aluno como o culpado de sua reprovação e sim a procura de identificar as causas fora do âmbito interno à justificativa para essa reprovação.

Nesse sentido, que a reprovação traz esse cunho do aluno ter vergonha, trauma e não conseguir aprender devido a essa atribuição nele mesmo, uma culpa por não conseguir aprender por se colocar nesse lugar de inferior, lento, desatento, com QI baixo, enfim, as características, as formas como esse aluno é marcado são as mais variáveis.

Mas é preciso entender por que essa mudança na forma de entender a reprovação. Por que hoje é muito difícil um aluno reprovar? Estamos saindo de uma pandemia que assolou o planeta e os resultados da escolarização em nosso país

foram abaixo do esperado como era de se esperar, devido a uma série de questões de desigualdade escolar, sendo uma delas atribuída ao despreparo dos professores no que envolve as tecnologias digitais. Como se somente os professores tivessem “culpa” por esse não uso das tecnologias.

Podemos ver na história da educação escolar que a partir dos anos 1990 a Pedagogia da Repetência, apontava o seguinte resultado para as crianças do primeiro ano

a probabilidade de um aluno novo na 1ª série ser aprovado é quase o dobro do que a probabilidade daquele que já é repetente na série. Isto mostra que a repetência tende a provocar novas repetências, ao contrário do que sugere a cultura pedagógica brasileira de que repetir ajuda a criança a progredir em seus estudos. (RIBEIRO, 1991, p.14)

Percebe-se a necessidade de mudanças nesse entendimento de que a reprovação pode contribuir para que o aluno tenha nova chance de aprender. A partir do século XX, as metas para a educação vieram evidenciar o quanto o país precisaria erradicar o analfabetismo e a evasão escolar que estão intimamente ligadas a (não) aprendizagem. Percebe-se que nos três primeiros anos do ensino fundamental a mudança ocorreu devido a Resolução nº 7 de 2010 que diz:

Art. 30 Os três anos iniciais do Ensino Fundamental devem assegurar:

I – a alfabetização e o letramento;

II – o desenvolvimento das diversas formas de expressão, incluindo o aprendizado da Língua Portuguesa, a Literatura, a Música e demais artes, a Educação Física, assim como o aprendizado da Matemática, da Ciência, da História e da Geografia;

III – a continuidade da aprendizagem, tendo em conta a complexidade do processo de alfabetização e os prejuízos que a repetência pode causar no Ensino Fundamental como um todo e, particularmente, na passagem do primeiro para o segundo ano de escolaridade e deste para o terceiro.

§ 1º Mesmo quando o sistema de ensino ou a escola, no uso de sua autonomia, fizerem opção pelo regime seriado, será necessário considerar os três anos iniciais do Ensino Fundamental como um bloco pedagógico ou um ciclo sequencial não passível de interrupção, voltado para ampliar a todos os alunos as oportunidades de sistematização e aprofundamento das aprendizagens básicas, imprescindíveis para o prosseguimento dos estudos. (BRASIL, 2010, p. 8-9)

onde portanto,

os três anos iniciais do Ensino Fundamental passam a ser considerados como um ciclo sequencial não passível de interrupção, o Ciclo de Alfabetização (período destinado à alfabetização) que compreende os três primeiros anos do Ensino Fundamental, se reconfigura então, contando com a progressão continuada do 1º para o 2º ano e deste para o 3º ano. (SANTOS, 2021, p. 3)

A não reprovação tornou-se uma “faca de dois gumes”, pois muitos passam de ano e não conseguem aprender. O trabalho docente precisaria ser revisto juntamente com essa reprovação, pois não podemos esperar que o aluno por ele mesmo sozinho irá despertar para a aprendizagem. Quais propostas a escola juntamente com o professor poderiam oferecer a esses alunos que reprovam? Ou ainda, como se poderia evitar uma reprovação se a escola e o professor pudessem identificar e prevenir com base em ações conjuntas para que esse aluno tivesse outras possibilidades de aprender?

Inicialmente pretendo conhecer os impactos das novas diretrizes educacionais que apontam para a não reprovação do aluno. O que foi pensado como alternativa a essa evidência de uma não aprendizagem, de um não acompanhamento dos conhecimentos por parte desse aluno? Essas questões podem mostrar caminhos a serem considerados neste novo caminhar onde a desigualdade escolar tem sido ainda mais acirrada nesse momento pós-pandemia.

Encontrar respostas a essas questões pode não culpabilizar os professores por tais desigualdades e compreender melhor sobre o quanto a estrutura e funcionamento da educação precisa ser considerada quando falamos de reprovação escolar.

Sobre a organização do texto teremos o trabalho de conclusão dividido em: Introdução, Breve história das reprovações e caminhos a seguir, Metodologia, Resultados e Conclusão.

2 A REPROVAÇÃO NO BRASIL – BREVE HISTÓRIA E CAMINHOS PARA A MUDANÇA

Para compreender como a reprovação escolar se fez presente no Brasil de forma profunda é preciso olhar para trás e ver como essa história ocorreu, como são as formações docentes em relação ao reprovar e buscar novas oportunidades na avaliação, este capítulo do trabalho abrange a tudo isso e está disposto da seguinte maneira: a primeira parte do capítulo está focada numa breve revisão histórica sobre as reprovações no Brasil; a segunda parte deste capítulo abrange o docente e as reprovações; na terceira subdivisão fala-se sobre as metodologias que podem ser usadas para alavancar a aprendizagem em sala de aula e por fim, na última parte do capítulo trata-se da avaliação como um sistema que tende a não avaliar somente o aluno mas sim a maneira como o profissional da educação se manifesta em seu trabalho, tornando a avaliação um processo de reflexão do ato de ensinar e avaliar.

2.1 BREVE HISTÓRIA DAS REPROVAÇÕES ESCOLARES NO BRASIL

Essa história é longa, com certeza teríamos muitos aspectos a contar e daria um trabalho de conclusão somente explorando tais aspectos. No entanto, optou-se por trazer uma breve história no sentido de pensar em alguns marcos que foram importantes e que mudaram estratégias, ações e práticas no contexto escolar a fim de evitar que a reprovação escolar ocorresse.

Até os anos de 1940, a reprovação escolar não era citada nos documentos oficiais escolares, o debate começou a ficar acirrado nas décadas de 1970/1980, pois se tornava um fator a ser ajustado pelos governantes, sendo assim indesejável sua exposição. (GIL, 2018)

A escola moderna trouxe os exames ao seu cotidiano, desde os jesuítas (1599) já aconteciam os exames escritos para averiguação da aprendizagem, assim como pedagogia protestante, em 1657, com suas sabatinas, exames e exercícios. As avaliações, escritas ou orais fazem parte da nossa história desde o século XVII. (GIL, 2018)

Os primeiros tempos de escola, segundo Gil (2018), nem todos os alunos matriculados realizavam os exames, a exclusão era a regra pela observação da autora

em seus estudos. Segundo a autora, na década de 1920 os alunos frequentavam a escola por 1 ou 2 anos, sendo raríssimos os que passavam deste tempo.

Gil (2018, p. 10) explica de modo sucinto a visão pedagógica da época

permite argumentar que a normalização dos tempos de aprender e a definição da progressão anual na escola, embora estivessem previstas desde antes, não predominam nas práticas escolares até, pelo menos, os anos 1920. Ora, assumir a reprovação e a repetência como distorções do fluxo dos alunos pelas séries escolares pressupõe a padronização desses tempos na legislação e no discurso que prescreve as práticas pedagógicas. Mas também implica em uma mudança da cultura escolar, sendo que esta não é uma decorrência imediata e automática daquela padronização. Assim, é com a ampla adesão do pensamento pedagógico e da prática docente à ideia de homogeneidade e padronização, bem como com a efetiva ampliação das vagas na escola obrigatória, que passa a ser possível ver na exclusão dos alunos que não aprendem um problema educacional. (GIL, 2018, p.10)

A compreensão de que os alunos são diferentes e o modo de aprender de cada um também é diferenciado vai acontecer mais tarde, após os anos 90 estas discussões passaram a ser presentes no meio educacional de forma mais expansiva,

Além disso, a seriação e a homogeneidade das classes buscaram fazer a escola funcionar do mesmo modo para todos os alunos, com os conteúdos aplicados da mesma maneira, por um mesmo professor, tendo em vista o cumprimento de programas oficiais. As classes eram formadas através de testes psicológicos que tinham o propósito de equalizar a turma e pelas avaliações que buscavam verificar se o aluno possuía domínio suficiente do que fora ensinado. (GIL, 2018)

Dessa forma, se tudo ocorresse da maneira planejada, teríamos em cada série uma faixa etária de crianças, porém essa regularidade não aconteceu, pois começaram a aparecer as incapacidades e as limitações dos alunos.

Seguiram-se amplos debates e numerosos estudos que pretendiam identificar as crianças “anormais”, a fim de evitar que elas atrapalhassem o bom funcionamento da escola. Baseada nessa compreensão, a melhoria do ensino pressupunha, portanto, o desenvolvimento de testes que permitissem identificar e classificar os estudantes lentos ou incapazes. (GIL, 2018, p.11-12)

Nas décadas que se seguiram – entre 1950 e 1980 – a questão da reprovação foi discutida de modo a compreender melhor o assunto e depois das políticas de educação ocorridas após a Constituição de 1988 passaram a ser vistas também com a diversidade e com a inclusão, que no seu princípio básico, todos estes assuntos concorrem para a melhoria da aprendizagem e do respeito as diferenças dentro da sociedade.

Acho que aqui poderia vir a década de 90 relacionando até com os discursos da inclusão que passaram a adentrar o Brasil. Onde cabiam todos os alunos na escola regular.

A partir dos anos 2000 um conjunto de políticas vão conduzindo para que se evite a reprovação escolar.

2.2 OS DOCENTES E A REPROVAÇÃO NOS ANOS INICIAIS

Segundo o Conselho Nacional de Educação, desde 2010 há a recomendação que não deve acontecer reprovação nos dois primeiros anos de alfabetização, sendo assim, as três séries iniciais constituem o ciclo de alfabetização e letramento, portanto a criança deve estar pronta ao final do terceiro ano do Ensino fundamental. Porém a Base Nacional Comum Curricular aprovada em 2017 antecipou o fim da alfabetização para o final do segundo ano do Ensino Fundamental. (ALMEIDA, 2019)

Almeida (2019) descreve a orientação como um equívoco, pois há um déficit para os alunos no fim do terceiro ano, mostrando que não ocorreu a alfabetização, a promoção de série ocorre por forças maiores, no caso a de lei através do governo, o professor parece perder a autonomia sobre o processo de ensino, pois ele não tem a opção de poder reprovar o aluno. Para o autor o aluno que apresentar questões em sua alfabetização provavelmente irá acompanhá-lo em sua vida estudantil. Algumas delas relacionadas a escrita, por exemplo, podem ser: estrutura de textos, a construção e links entre os parágrafos, o uso de letras maiúsculas e minúsculas, construção frasal, acentuação, pontuação, uso gramatical das frases e palavras, entre outros.

Almeida (2019) registra que a coordenadora Thaianie do Movimento Todos Pela Educação, não é a favor de tal recomendação e acredita que as redes de ensino precisam criar programas de recuperação e reforço, inovando o sistema educacional, pois além da frustração emocional, ocorrem consequências educacionais severas,

como um aumento de gasto com alunos repetentes. Aqui poderia dizer que não se trata de ser contra ou a favor, mas de pensar o que essa lógica de evitar a reprovação vai produzindo para o campo da educação escolar.

A reprovação pode ser vista a partir apenas dos prejuízos a todos os envolvidos com o sistema educacional, pois as salas de aula têm seu número de alunos aumentados, as faixas etárias acabam se misturando, ocasionando aos menores a convivência com pessoas bem mais velhas muitas vezes e aos repetentes a perda do estímulo e da autoestima. (NUNES, 2010)

Segundo Nunes (2010, on line)

Para superar esse gigantesco problema, precisamos dar pelo menos três passos: acreditar que todos podem aprender, avaliar constantemente o aluno e oferecer reforço durante o ano letivo para que ele progrida e implementar políticas de aceleração de aprendizagem que permitam aos alunos que estão atrasados a correção da distorção idade-série.

A saída, segundo o autor, é desmistificar que só o estudante é o culpado pela reprovação, precisamos observar a escola, suas metodologias utilizadas, suas escolhas de currículo e a capacidade de adequação da escola aos alunos e vice-versa, aprender é na escola e para isso ela existe.

A reprovação para outros pode ter um caráter benéfico, no sentido de garantir que o aluno aprenda o que se aponta como necessário pelas diretrizes curriculares nacionais e outros documentos. Pode também querer-se garantir a qualidade do que a escola pretende ensinar podendo repensar os seus processos e oferecer uma nova oportunidade ao aluno não apenas a repetição do que ele não conseguiu aprender.

Considerando esse posicionamento não binário de ser contra ou a favor, prefere-se nesse contexto desse estudo ampliar a visão olhando para os processos que produzem tais posicionamentos compreendendo o que está fora do aluno como muitas vezes produtor de uma não aprendizagem escolar. (VIEIRA, 2010)

2.3 APRENDER NA ESCOLA NÃO PODE SER UM MISTÉRIO

Nessa perspectiva descrita acima, precisamos considerar as metodologias do ensino, as relações que se estabelecem na sala de aula entre os alunos e entre eles e o professor. Além disso, a questão de compreender o contexto desse aluno também

se coloca como fundamental para saber como ele aprende e o que considerar nesse planejamento das aulas.

Segundo Almeida (2019, s/p)

é preciso mudar o método para que o aluno possa assimilar o conteúdo. A professora defende uma renovação nas metodologias para que a reprovação não seja o único meio de informar para o governo que a aprendizagem está deficitária.

Muitas vezes, avaliar a aprendizagem é associado a medir quantidade de conhecimento, mas segundo Santos (2021) é um processo bem mais complexo, amplo, faz parte das técnicas pedagógicas e está presente no currículo. É necessário lembrar que a educação é um direito, um investimento e não um gasto, mas deve estar assegurada através da adequação do mobiliário e da qualificação dos profissionais.

Além disso, apoiar o aluno através do apoio pedagógico providenciando-lhe os recursos para que consiga alcançar a aprendizagem, existem algumas ideias em escolas para evitar a reprovação neste ciclo inicial.

Figueiredo & Avanzi (2010) trazem como possibilidades para evitar a reprovação algumas práticas para que durante o ano letivo ocorra um acompanhamento da melhor maneira possível, sem deixar nenhum aluno atrasado.

- Aulas no contraturno (oficinas);
- Turmas flexíveis (nº de alunos);
- Monitoria professor-aluno;
- Trabalho pessoal (olhar individualizado);

É necessário reconhecer as práticas que levaram ao fracasso, refletindo a prática pedagógica frente as dificuldades trazidas pelo professor, compreender que não há homogeneidade com crianças, elas podem se cansar de ter que esperar pelos demais e trabalhar todos com calma e organização o trabalho pedagógico pode ficar mais adequado e eficiente.

A formação continuada de professores deve investir no assunto avaliação para que se possa mudar o modo como enxergamos as avaliações escolares, estas são auxiliares, mas nunca um fim de processo de aprendizagem. Para Silveira (2016) refletir o processo de aprendizagem dos alunos, prestar atenção a como ele pode ser ensinado e construir os conhecimentos junto a eles, é uma possibilidade de visualizar

a forma como se ensina, se avalia e se acompanha esse aluno no mundo letrado, na cidadania e na compreensão de seus direitos como uma pessoa que faz parte de uma sociedade organizada, livre e democrática.

Christofari (2008) apresenta que a aprendizagem na escola não é um mistério, o que se precisa compreender é que o fenômeno da aprendizagem nem sempre pode ser medido através de números, a construção do conhecimento infantil é imensurável numericamente. A compreensão da aprendizagem e da não retenção do aluno nos primeiros nos requer a construção de programas de estudos integrados para que

o currículo, a avaliação, a intervenção pedagógica e a formação permanente sejam elementos de composição do fazer pedagógico diário. Nesse sentido, pode-se inferir que essas ações estariam em consonância com a educação na perspectiva inclusiva. (CHRISTOFARI, 2006, p. 63)

Os professores, na concepção de Christofari (2006) compreendem que a criança é diferenciada, que cada uma apresenta seu ritmo de aprendizagem, que possuem reações diferentes aos desafios propostos na escola porém a permanência dos rituais típicos de avaliação escolar permanecem, atrelando o presente da escolarização em ciclos, com o tradicionalismo da escola bancária que não observava a maneira da construção do conhecimento e sim se a lista de conteúdos havia sido vencida e o aluno havia gravado e reproduzido de maneira convincente para a passagem de ano.

Santos (2013) traz também ao questionamento sobre a avaliação dos alunos o processo de formação dos profissionais que vão ou estão em sala de aula, segundo ele a formação generalista dos alunos do curso de Pedagogia é fraca e superficial, colaborando para que o processo de avaliação continue do modo tradicional, pois não houve na formação do profissional outras maneiras de reparar na aprendizagem e o profissional tende a repetir o que foi aplicado com ele.

Quando o processo avaliativo é repensado e trabalhado na formação do profissional – seja ela a graduação quanto a permanente – passa-se a olhar os processos de construção da aprendizagem de modo diferente.

Quando a avaliação, para Boff (2010), passar a ser mediadora de aprendizagem ela vai deixar de ter o foco no aluno e passa a coletar dados sobre o meio em que ele está inserido, as informações que ele absorveu, o que aprendeu ou não sobre os assuntos tratados em aula passando a valorizar a essência do aluno e

trazendo a realidade o que se espera da escola que é abrir as portas para as possibilidades que a criança tem no mundo tornando-a autônoma, ativa e participativa na sociedade em que vive.

2.4 AVALIAÇÃO E REPROVAÇÃO: SERIAM RESPOSTAS UMA DA OUTRA? AVALIAR PARA AJUSTAR E REPROVAR PARA PUNIR?

Luckesi (1985) fala que a concepção de avaliação está atrelada a forma de trabalho pedagógico, onde a metodologia, a relação professor-aluno e a concepção do que é aprender se entrelaçam, observando sobre esse ponto de vista percebe-se que a avaliação é um referencial no processo de ensino aprendizagem, fazendo com que se possa analisar em que momento está a aprendizagem, fazendo os ajustes necessários para um maior alcance das informações e maior sucesso dos alunos.

A partir daí é possível chegar a uma visão mais ampla da função da avaliação dentro do processo de ensino e de aprendizagem, perceber que esta não está somente direcionada a julgar, testar ou classificar o aluno, mas sim como um ponto de referência do processo de ensino e de aprendizagem, pois com ela que se pode analisar em que nível está a aprendizagem. Isto é, a relação entre educador e educando, o nível do ensino, a absorção do mesmo, o andamento do processo de ensino-aprendizagem. (VIEIRA, 2010, p.9)

Compreender que ensinar e aprender depende da relação estabelecida entre professor e aluno possibilita uma aprendizagem diferenciada, onde o professor é um mediador do conhecimento que traz para a berlinda o aluno e o faz conhecer e transformar as informações recebidas em novos conhecimentos passíveis de novos posicionamentos dentro da sociedade. Há que se ter a concepção que os encontros não devem ser somente normas, exigências e imposições de limites e sim um momento de suscitar, de provocar a curiosidade dos alunos sobre os assuntos, ver até onde vai a perspicácia do aluno em buscar soluções, trazer novos conceitos, desenvolver potencialidades. Olhando por este ângulo, o professor é “peça fundamental para a eficácia do processo de avaliação, cuja postura é o resultado de sua concepção, de seu contexto histórico-social, de sua prática na convivência de seu cotidiano escolar” (VIEIRA, 2010, p. 11)

As avaliações normalmente envolvem somente os desempenhos dos alunos, o que conseguiram ou não reter de conhecimento apresentado em sala de aula, por diversas vezes ministrados ou avaliados através de medo, tensão, ansiedade, sendo que a avaliação deve ser realizada num todo, durante as aulas, observando sua participação, sua interação com a turma, com as trocas de falas, a personalidade, a liderança, o desempenho cognitivo e o relacionamento com os demais da turma. (VIEIRA, 2010)

A avaliação está sendo utilizada pelos professores para ameaçar, assustar os alunos, os quais acabam estudando para a prova por medo de reprovar simplesmente, enquanto deveriam estudar para aprender. A avaliação é uma maneira encontrada para disciplinar os alunos; os professores, muitas vezes, elaboram provas muito difíceis, com conteúdo que não foram trabalhados, ou elaboram questões de maneira que os alunos não compreendam para mostrar quem tem o poder e para se “vingar” de alunos indisciplinados. Estas questões devem ser pensadas com urgência e a mudança é imprescindível. (VIEIRA, 2010, p. 15)

Se a função da escola é formar cidadãos críticos e conscientes de suas potencialidades e de seu papel dentro da sociedade, não é uma avaliação forjada no medo, nas ameaças, na classificação e autoritarismo que os tornará sábios, e sim apenas pessoas submissas, sem ideias próprias, sem vontade de fazer para melhorar e tá mesmo sem vontade para aprender. (VIEIRA, 2010)

A avaliação com caráter classificatório em vez de mensurar o que o aluno aprendeu ou não para depois ajustar e buscar aprender de outra maneira, fica presa no sistema notas e exames, classificando os alunos em vez de olhar para a aprendizagem. Alunos são rotulados através de provas com dia e hora marcada, determinando o destino do aluno. (VIEIRA, 2010)

Deste modo, a avaliação que tinha por objetivo ser uma aliada para o conhecimento torna-se “um instrumento autoritário e frenador do desenvolvimento de todos os que passarem pela escola, possibilitando a uns o acesso e aprofundamento do saber, a outros a estagnação ou a evasão dos meios do saber.” (LUCKESI, 1995 apud Vieira, 2010, p.16)

Se continuarmos com a avaliação que temos hoje, em que o exame determina o aluno as consequências serão graves, pois essa pedagogia do exame não é prática, não ensina e nem auxilia a aprendizagem e além de tudo desenvolve nos alunos uma

submissão desenfreada, servindo somente para a produção e conservação de massa de manobra e seletividade social. (VIEIRA, 2010)

A avaliação que valoriza o aluno, o reconhece como parte integrante da aprendizagem pode ter três classificações: mediadora, formativa e qualitativa. Portanto, é necessário conhecer os tipos de avaliações para que possamos ajustar o nosso cotidiano e as nossas buscas em sala de aula, somente assim a avaliação não será punição, mas sim um instrumento flexível de averiguação de aprendizagem e de trabalho docente, ambos passíveis de melhorias e reformulações conforme os alunos que a comunidade apresenta.

Quadro 1 – Tipos de Avaliação

AVALIAÇÃO MEDIADORA	AVALIAÇÃO FORMATIVA	AVALIAÇÃO QUALITATIVA
Nesta proposta de avaliação, a prioridade é a compreensão do aluno e a valorização de suas manifestações e ideias, é baseada na ação coletiva e consensual, com uma concepção reflexiva e investigativa, tendo o professor como um cooperador. Deste modo, o aluno irá buscar informações para construir seus conhecimentos e o professor ao avaliar, intermediará o que ele conseguiu alcançar e ao mesmo tempo irá intervir para que ele busque novas informações a fim de completar o conhecimento, reorganizando com o auxílio do professor as descobertas feitas.	Neste tipo de avaliação trabalha-se com a ideia que cada aluno aprende num momento diferente e em tempo diferente, onde o atendimento é individualizado, priorizando os que necessitam de maior atenção, regularizando assim a aprendizagem. Neste tipo de avaliação, o aluno é observado por todos os momentos, a avaliação ocorrendo desta forma permite o acompanhamento da progressão de cada aluno, garantindo assim uma aprendizagem com significado e ampla.	Esta avaliação envolve a qualidade de ensino, de aprendizagem e de avaliação. A palavra-chave aqui é participação, onde através dela pode-se mudar a mentalidade e o sistema. A participação está incluída nas finalidades e conteúdo, é pela participação que ocorre as ideias, os debates, as discussões e a criatividade se faz presente. É uma proposta de avaliação que possibilita ao aluno o interpretar da realidade social, cria consciência crítica, compreensão de deveres e direitos, aprendem a questionar, ter discernimento ideológico, sem serem submissos. Os instrumentos e métodos utilizados vão sempre sendo aprimorados para que possam ser utilizados com melhor eficácia e eficiência.

Fonte: Adaptado a partir da leitura de VIEIRA (2010, p. 16-20)

Vieira (2010) explana que o sistema educacional precisa rever com urgência o modo de avaliar os alunos, partindo do princípio de como ensinar esses alunos os conteúdos eleitos pelo currículo escolar, deixando o professor de ser um transmissor de conhecimento e detentor do saber para ser o mediador do conhecimento, tornando seus alunos indivíduos pensantes, críticos e com opiniões próprias, ou seja, sendo sujeitos ativos na sociedade. A mudança da metodologia aplicada nas aulas e a forma das avaliações sendo modificada ocorre uma ressignificação do que é avaliar, do que é um processo de ensino-aprendizagem com coerência social e com certeza uma relação aluno-professor mais próxima e próspera.

A avaliação pode ser entendida nessa perspectiva como processo de reflexão sobre a prática social e escolar e a interação entre ambas, possibilitando através da reconstrução que o processo de avaliar proporciona um novo olhar a prática docente. (ESTEBAN, 2013)

A avaliação como ato de reconstrução se constitui em processo formativo para as professoras, articulando dialeticamente reflexão e ação; teoria e prática; contexto escolar e contexto social; ensino e aprendizagem; processo e produto; singularidade e multiplicidade; saber e não saber; dilemas e perspectivas. (ESTEBAN, 2013, p.12)

A transformação do processo de avaliação exige da escola a definição de um processo de ensino que esteja articulado com a busca pelo sucesso do aluno, principalmente aqueles oriundos das classes mais populares onde a evasão escolar e o fracasso escolar já são partes integrantes da exclusão social. (ESTEBAN, 2013)

A mudança de paradigma de avaliação necessita, segundo Esteban (2013), a desconstrução da maneira como se interpreta o cotidiano, de como organizamos a vida escolar, compreendendo que é difícil “questionar, negar e substituir as crenças, preconceitos, valores, conhecimentos e costumes já valorizados.” (ESTEBAN, 2001, p. 26)

2.5 A FAMÍLIA COMO APOIO NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO

Geralmente a família é tomada como sendo a culpada pelas dificuldades que o aluno apresenta em acompanhar a turma. Dal'igna (2017) mapeou alguns elementos constitutivos de noção de desempenho escolar que seriam o conhecimento, o comportamento e a família. Em relação a família, a autora observa que os professores

posicionam a família como responsáveis pelo sucesso ou fracasso escolar de seus filhos. Os professores partem da premissa de que a avaliação precisa ver o aluno como um todo e que seria a família que precisaria dar esse apoio para que este desenvolvimento se dê de maneira integral. Segundo Dal'igna (2017) nada mais normal que seja ela que se encarregue de promover o desenvolvimento físico e emocional das crianças, porém, confundindo com a responsabilidade do desenvolvimento intelectual. Portanto a família acaba sendo envolvida nesse desempenho escolar dos filhos. Segundo Dal'igna (2017) ocorre uma pedagogização das famílias afim de que possam acompanhar melhor os filhos na escola:

[...] ao mesmo tempo em que as Professoras Participantes reiteram a importância da participação da família (mãe?) no processo de educação de filhos e filhas, elas estabelecem algumas prescrições que pretendem regular a participação dessa família. Nesse sentido, é possível afirmar que os mesmos discursos que possibilitam às Professoras Participantes responsabilizar a família pelo desenvolvimento de seus/suas filhos e filhas e, por conseguinte, pelo desempenho escolar contribuem para posicionar a família a priori como desqualificada para fazê-lo. As Professoras Participantes investem na promoção de uma pedagogização da família por meio de um conjunto de prescrições que pretendem regular o que pode e o que deve ser feito para garantir o desenvolvimento normal e, conseqüentemente, um bom desempenho escolar. (DAL'IGNA, 2017, p.5)

Além disso, a autora também chama a atenção a distribuição e delimitações de ações que são da prática escolar como a alfabetização, “há um deslizamento – à família, são atribuídas funções caras à escola, como as de ensino e de aprendizagem” (DAL'IGNA, 2017, p. 6), incluso nessas funções está o ler, escrever, contar, ou seja, houve também uma inversão de valores, a família deixou de ser ponto de apoio para ser o centro da atenção da escolarização. Ocorre muitas vezes é há uma passagem de responsabilidade que não foi e nem é programada, pedagogizando as famílias sem essas terem a menor capacidade para isso, e aqui entram as famílias estáveis e as não estáveis, porque não se pode culpar a desestruturação pela falta de experiência de alfabetizar.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se caracteriza como mista, de natureza básica, qualitativa exploratória, com caráter bibliográfica, documental eletrônica buscando inicialmente panorama geral sobre o assunto através de material pesquisado em teses, artigos, monografias, revistas e livros. Além disso, buscou-se também se aproximar do que dizem os professores que atuam no Ensino Fundamental por meio de entrevista e questionários, os quais descrevo de forma mais detalhada nos procedimentos metodológicos a seguir.

Importa afirmar que essa investigação tem caráter qualitativa, pois baseia-se nas opiniões, sentimentos e vivências dos entrevistados, portanto podemos dizer que “a pesquisa qualitativa se preocupa, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.31)

Além disso, a pesquisa exploratória “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.35)

A coleta de dados será realizada através de material já produzido através do levantamento das referências já publicadas em meios escritos ou em meios eletrônicos. “As pesquisas baseadas somente na bibliografia têm como objetivo recolher conhecimentos e informações já conhecidas sobre o assunto que se deseja pesquisar.” (FONSECA, 2002, p. 32 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.35). No entanto, complementa-se e dialoga-se com esses dados, o uso de entrevista e de questionários que foram respondidos por gestores e professores de uma escola de um município da Serra Gaúcha.

A revisão literária foi feita através de materiais encontrados no Lume – repositório digital dos materiais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, artigos de revistas *online* de universidades, foi priorizado a produção de material sobre o assunto avaliação e depois definimos quais materiais utilizaríamos.

Já os dados coletados com os sujeitos foram por meio de entrevista e questionário. Sobre o uso desse procedimento Andrade (2012, p.192), afirma que:

Com a realização das observações, comecei a compreender tais elementos (as falas, as atitudes, os gestos ...) também como narrativas, como modos de dizer sobre si e sobre o/a outro/a; ou seja, não foram entrevistas, simplesmente, foram entrevistas narrativas. Nelas cada um/a dos/as entrevistados/as pode narrar a si num atrelamento de suas histórias escolares com suas histórias de vida, pois aprendi, como pesquisadora, que não há como falar de uma história sem ouvir a outra. Aprendi, também, que não basta fazer a pergunta boa, desdobrar um dito ou aproveitar as palavras soltas; é preciso ouvir o silêncio e suportá-lo, fazê-lo narrar tanto quanto a palavra.

A entrevista realizada de modo semiestruturado e presencialmente tem-se a oportunidade de contextualizar de modo mais apropriado o objeto em estudo e ouvir a narrativa de quem organiza os processos que ocorrem na escola. No entanto, nem sempre esse formato é possível de ser adotado para todos no contexto da escola. Outro fator importante ao entrevistar alguém, segundo a autora acima citada é estar preparada para o inesperado, o não programado, onde inclusive por vezes, o entrevistador acaba se tornando um confidente, o ouvinte que não tece críticas aos desabafos, sendo que neste momento, segundo a autora, as identidades se mesclam e se intercedem sem conseguirmos compreender qual é a nossa fala a ser respondida.

A entrevista pode nos levar a diversos caminhos, compreender as linhas é uma tarefa complexa que exige conhecer o local com muita apropriação para não passar a ideia errônea dos dados aos leitores. Por isso, a entrevista realizada com a supervisora da escola me levou a realizar a aplicação do questionário com os professores da escola a fim de facilitar as suas participações na pesquisa.

A escola escolhida para realização da entrevista com a supervisora e, posteriormente, a aplicação dos questionários é uma instituição que tem um Regimento Escolar para o Ensino Fundamental de Nove Anos, sendo o mesmo atualizado pela última vez em 2020, onde teve uma mudança significativa: os alunos do 3º ano, que não atingirem os objetivos podem ser reprovados, essa alteração foi necessária para que os alunos não avançassem para o quarto ano sem alcançarem os objetivos de aprendizagem previsto para esse ano escolar.

Estando esta escola localizada em um município pequeno, cerca de 10 mil habitantes, outra questão que tem chamado atenção, depois da reabertura das

escolas nesse ano de 2022, após a pandemia de Covid-19¹, é um número significativo de alunos vindos de outras cidades, estados, e até países, fato que tem feito com que a escola precise se readaptar a todo momento.

Segundo a pedagoga da escola, quando os alunos são atendidos no município desde a educação infantil, ele já traz uma bagagem, existe um diálogo entre as escolas e os professores. No entanto, quando ele vem de fora, ele traz uma “mala vazia” (sic) relata a supervisora da escola, que é preciso iniciar do zero. Quando o aluno apresenta uma dificuldade não tem como saber o que foi feito até então para ajudá-lo, se é que foi feita alguma coisa, questiona a supervisora. Muitas vezes quando um aluno está sendo atendido a partir de uma proposta diferenciada e está obtendo resultados positivos, muitas vezes ele vai embora da cidade, não podendo mais essas questões serem resgatadas, tais como a autoestima, a confiança e motivação desse aluno. Essa questão sobre a migração de alunos, especialmente empobrecidos que buscam se locomoverem em busca de vida melhor e emprego, está cada vez mais presente, mesmo que em município pequeno como é o caso desta cidade, com pouco mais de 10 mil habitantes.

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

A entrevista com a supervisora foi realizada a partir de um roteiro semiestruturado, onde foi solicitado a ela que explicasse como a escola está entendendo a reprovação e como os professores têm se posicionado em relação a essa questão, especialmente aqueles que atuam nos anos iniciais da escolarização. A transcrição das respostas da supervisora foi realizada e analisadas posteriormente. A partir da realização dessa entrevista, foi necessário conhecer mais o que pensam os professores sobre essa questão e como eles estão lidando com esses alunos que apresentam dificuldades e podem apresentar a reprovação.

Os questionários foram elaborados previamente e enviados aos professores através da plataforma *Google forms* a fim de facilitar a coleta de dados. As perguntas foram formuladas de maneira a extrair o máximo de informações pertinentes a fim de se aproximar de como os professores entendem esse tema em relação a organização

¹ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.

de suas práticas, buscando salientar como os professores perante seu cotidiano buscam identificar os movimentos ocorridos na escola e no ambiente de trabalho docente que possam invalidar e evitar a reprovação escolar. O roteiro de questões ainda almejou mapear ações desenvolvidas pelos professores que possibilitassem aos alunos avançar em suas aprendizagens, evitando a reprovação, recuperando os objetivos de aprendizagens a serem alcançados a fim de serem absorvidos.

Segundo as autoras Gerhardt; Silveira (2009, p. 59) o questionário

É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado.

O questionário foi enviado a oito professores que trabalham com a Pré-escola, primeiro, terceiro e quarto ano do ensino fundamental. Esses oito professores concordaram em participar da pesquisa realizada na escola localizada na Serra Gaúcha. Foi enviado a eles links gerados pela plataforma para que respondessem seis perguntas de forma dissertativas.

Quadro 2: Perfil dos Participantes da Pesquisa

Participantes	Procedimento metodológico	Atuação na escola
Professora 1	Entrevista	Supervisora
Professora 2	Questionário	Pré-escola
Professora 3	Questionário	4º ano
Professora 4	Questionário	1º ano
Professora 5	Questionário	3º ano
Professor 6	Questionário	4º ano
Professor 7	Questionário	3º ano
Professor 8	Questionário	1º ano
Professor 9	Questionário	Pré-escola

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Importa ressaltar ainda que a partir da entrevista realizada com a supervisora, ficou claro que nessa escola há um trabalho para acompanhar as aprendizagens dos alunos e assim evitar as reprovações e evasão escolar. Porém, não se trata de um projeto escrito, mas ações específicas voltadas a essa questão.

A escola apresenta-se preocupada com os alunos que não conseguem atingir os objetivos do ensino visa pautar as suas práticas na Lei nº 9.394, na Seção III, que trata do Ensino Fundamental, no Art. 32. § 2º onde diz que

Os estabelecimentos que utilizam progressão regular por série podem adotar no ensino fundamental o regime de progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo de ensino-aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino. (BRASIL, 2006, p. 23).

A escola então mudou o regimento interno em 2020, prevendo que o aluno que não atingir os objetivos estabelecidos no plano de ensino no 3º ano do ensino fundamental pudesse repetir o ano a fim de poder progredir na aprendizagem que não foi consolidada no segundo ano.

O projeto de reforço escolar nasce em decorrência dessa necessidade de oferecer algo a esses alunos que possivelmente reprovam, por apresentarem dificuldades de acompanhar a turma. Segundo a supervisora da escola, esse projeto é utilizado na escola para que nenhum aluno fique para trás, havendo possibilidades para todos se apropriarem dos conhecimentos e ir em frente.

As crianças são selecionadas para participar do projeto através de observação e do encaminhamento do professor da turma. Os atendimentos ocorrem de segunda à sexta-feira no turno oposto ao que o aluno estuda. A partir da entrevista com a supervisora sobre esse projeto de reforço escolar foram criadas algumas questões para os professores. Este roteiro de questões encontra-se em anexo. Elas questionam sobre o funcionamento do projeto, os motivos de encaminhamentos dos alunos para participar das atividades do projeto, os possíveis resultados em relação a aprendizagem dos alunos atendidos, as possibilidades do projeto evitar a reprovação.

O formato via *google forms* elaborado para o questionário por um lado permite a fácil disponibilização ao professor para responder, otimiza o tempo, pois o professor pode receber e responder as questões até mesmo em seu celular. Por outro lado, também essa forma de aplicação dos questionários pode induzir ao professor um tipo de resposta curta e mais direta, sendo pouco detalhada e sem a oportunidade de o pesquisador interagir novamente com o pesquisado para esclarecer possíveis dúvidas em suas respostas.

Os oito questionários aplicados, voltaram todos respondidos, sendo que o questionário está anexado ao fim deste trabalho de conclusão. Porém as respostas

foram muito sucintas, com respostas descritas de modo objetivo e sintético. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 70) uma das desvantagens de usar questionários é que “deixa grande número de perguntas sem respostas [...] e não é possível ajudar o informante em questões mal compreendidas.” Esse risco é assumido na pesquisa que pretendeu analisar os possíveis impactos da reprovação escolar para as práticas docentes. Nas respostas dos professores buscou-se identificar elementos que contribuíram para pensar essas práticas e nas formas como a escola tem encaminhado essas situações em que alguns alunos não conseguem acompanhar os demais. Nesse sentido, busca-se com esse panorama, talvez um tanto mais geral a partir dessas respostas dos professores, trazer elementos para que se perceba algumas possibilidades de valorização das práticas existentes e ainda de criação de outras. Além disso, pretende-se também oportunizar um repensar as práticas que vêm sendo desenvolvidas no contexto escolar em relação a esse objetivo. Sabemos que os professores sozinhos não são os únicos responsáveis pelas não aprendizagens de alguns alunos e, por isso, olhar de forma mais ampla e coletivamente, é importante.

4 REPROVAÇÃO ESCOLAR E AS PRÁTICAS DOCENTES

Este capítulo trata sobre as análises dos dados considerando as respostas obtidas nos questionários e na entrevista com a supervisora escolar sobre a reprovação escolar na escola em um município da Serra Gaúcha. Tais análises serão apresentadas em dois eixos: no primeiro deles, aponta-se “Evitar a reprovação: projeto de reforço como possibilidade de contribuir nas aprendizagens dos alunos”. No segundo eixo pretende-se discutir sobre “As necessidades de apoio ao professor para que todos os alunos aprendam”.

4.1 EVITAR A REPROVAÇÃO: PROJETO DE REFORÇO COMO POSSIBILIDADE DE CONTRIBUIR NAS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS

A entrevista com a supervisora (entrevistada 1) foi realizada a partir de um roteiro semiestruturado em que foi solicitado a ela que contasse como a escola percebe essa questão da reprovação escolar e quais as ações que a mesma estaria desenvolvendo. A transcrição das respostas da supervisora (entrevistada 1) foi realizada em diário de campo e a seguir serão analisadas a partir de alguns excertos extraídos do conjunto de respostas que foram dadas na entrevista realizada em julho de 2022.

De acordo com a supervisora (entrevistada 1) o projeto do reforço escolar é organizado pela escola e praticado do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental, ocorrendo no turno inverso ao qual o aluno está matriculado. Além disso, os alunos que necessitam do reforço, tem apoio do transporte escolar para se deslocarem até a escola.

A organização semanal se dá atualmente da seguinte maneira, segundo a Supervisora (entrevistada 1):

- segunda-feira: Planejamento dos professores para a semana;
- terça-feira: 2º ano;
- quarta-feira: 3º e 4º anos;
- quinta-feira: turma especial para os alunos do 3º ano com outras dificuldades (cognitivas, emocionais, psicológicas, e comportamentais etc.);
- sexta-feira: 5º ano.

A Supervisora afirma que a aula de reforço tem duração de 4 horas, onde os alunos ficam metade do tempo com uma professora que trabalha a parte de atenção e concentração e a outra metade com uma professora que trabalha a parte lúdica dos jogos e dinâmicas. Podemos nos perguntar como se dá esse planejamento dos professores envolvidos, de que modo trabalham, de que maneira propõe as atividades e o quanto estabelece relação com os professores que atuam nas turmas?

Nunes (2010) traz essa proposta de compreender como ocorre o envolvimento como que os alunos necessitam e o como apresentar a eles de modo significativo pois é importante para mudar o paradigma atual da avaliação, desmistificando que só o estudante é o culpado pela reprovação. É papel da comunidade escolar observar, analisar e modificar as metodologias utilizadas, observar se o currículo conversa com as necessidades dos alunos e intenções da comunidade escolar e focar na capacidade de adequação da escola aos alunos e vice-versa, pois ela é um espaço de aprendizagem e de trocas de experiências.

De acordo com o relato da Supervisora, mesmo o atendimento sendo por turmas o planejamento é realizado de forma individual, pensando em suprir as dificuldades de cada aluno e as professoras têm autonomia para buscar métodos, técnicas e recursos. A ideia é que as aulas possibilitem que os alunos atendidos sejam capazes de contribuir na aprendizagem através de materiais e recursos diversificados que possam atender a fim de que consigam compreender o conteúdo, alcançando os objetivos traçados pelo professor.

A seleção dos alunos que irão participar do reforço escolar, ocorre através de uma sondagem nos primeiros 30 dias do ano letivo (Entrevistada 1). O passo seguinte é analisar os alunos que não conseguem acompanhar o andamento da turma e daí, o professor preenche uma ficha de encaminhamento do aluno, conforme relato da supervisora, transcrito a seguir:

- 1- Faça um breve relato do perfil do aluno a ser encaminhado para a sala do reforço:
- 2- Seu comportamento na sala de aula (no individual e no coletivo):
- 3- Quais as dificuldades que o aluno apresenta de acordo com as áreas do conhecimento e o que o professor titular gostaria que fossem trabalhadas.

(entrevistada 1)

Comportamento e as dificuldades voltadas as áreas do conhecimento são questões geralmente atreladas aos motivos que fazem com que os alunos reprovem. Nesse sentido, é importante observarmos o quanto a escola prioriza um determinado perfil de aluno na escola. Muitas vezes as questões de comportamento passam a ser mais importantes de serem transformadas do que o próprio conhecimento a ser ensinado, é o que Vieira (2010) chama de avaliação classificatória, onde a preocupação da escola é de manter um certo padrão de comportamentos, de notas, de resultados e não há uma preocupação em mensurar o que o aluno aprendeu, o que precisa ser modificado para que ele possa compreender, o que deve ser ajustado para haver a compreensão do que se deseja ensinar. Segundo o mesmo autor esse tipo de avaliação rotula o aluno num sistema cíclico de notas e exames com data, com hora marcada selando o destino do aluno e não observando sua aprendizagem.

Nesse sentido, a professora titular que apresenta a narrativa sobre o aluno e suas questões, enfatiza o que precisa ser trabalhado e em cima desse relato é que as professoras do reforço fazem o planejamento individual para cada aluno. De posse destas informações iniciais a escola agenda uma conversa com os responsáveis pelo aluno, onde são esclarecidas todas as dúvidas e quando de acordo, é assinado um termo de autorização para que a criança possa participar do projeto, indo até à escola no turno inverso em um dia específico da semana.

Existe também, segundo a supervisora, uma preocupação em conversar com os alunos selecionados para as aulas de reforço. As professoras desses alunos costumam fazer um trabalho de incentivo a participação do mesmo, motivando-o a participar de modo efetivo do projeto, mostrando os benefícios e importância de sua participação.

Na conversa com os responsáveis, muitas vezes, é dito sobre toda a situação do aluno, colocando a necessidade de atendimento especializado quando a escola identifica essa necessidade por haver outras questões envolvidas. No decorrer do ano durante as entregas de pareceres/boletins, também vai se identificando essas necessidades e buscando a família através de conversas sobre o desempenho destes alunos. Segundo a entrevistada, manter esse diálogo é importante para que exista uma preparação no caso de ser necessária a reprovação.

Ainda de acordo com a supervisora, os responsáveis sempre aceitam a oferta do reforço escolar, porém nem todos levam a sério, no sentido de incentivar que os

filhos participem. A infrequência e a falta de comprometimento, acabam prejudicando o andamento do projeto, de acordo com a Supervisora.

Quando acontece de o aluno não comparecer às aulas é feito inicialmente contato com a família e continuando a situação o aluno infrequente, é substituído por outro que necessita de atendimento, visto que a escola não tem capacidade de atender a todos os alunos identificados na sondagem, o que acaba gerando uma “fila de espera”, esta fila poderia ser evitada se a educação em sala de aula contemplasse a perspectiva inclusiva, segundo Christofari (2008), pois é preciso compreender que a aprendizagem nem sempre é mensurável através de números mas sim pela observação de mudanças de atitudes que são efeitos da aprendizagem, o aluno que consegue modificar seu pensamento em frente ao novo é porque conseguiu assimilar e reorganizar suas informações.

Atualmente a escola atende 45 alunos, que equivale a 21% dos alunos matriculados nos anos iniciais do Ensino Fundamental, não foi informado o número exato de alunos que necessitam do atendimento, e que se encontram na lista de espera. Essa questão demonstra uma necessidade cada vez maior da escola ter propostas diferenciadas que possam atender a todos os alunos com iguais condições, sem haver a necessidade de diferenciar apenas alguns para que possam ter esse apoio as aprendizagens.

Outra informação importante trazida pela Supervisora é que alguns alunos não frequentam durante todo o ano, eles vão até atingirem os objetivos previstos e em caso positivo, podem receber “alta”, dando lugar para outro aluno.

A supervisora aborda ainda uma questão relevante em relação a esse acompanhamento dos alunos. Neste ano, 2022, devido a pandemia da COVID-19, os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, são os que estavam no 1º ano, em 2020, quando começou a pandemia, as escolas tiveram um trabalho exaustivo para se adaptarem a um modelo de ensino nunca antes vivenciado, e foram impedidas de receberem os alunos presencialmente. Esse fato gerou “um atraso significativo na aprendizagem, visto que muitas famílias, por vários motivos, não conseguiram acompanhar e criar uma rotina de estudos em casa” (Entrevistada1). A escola então preocupada com estes alunos e pensando em oferecer um ensino com mais qualidade, de acordo com a supervisora, conseguiu junto a Secretaria de Educação do município, que os alunos fossem divididos em três turmas, para que, com turmas

menores os professores conseguissem dar uma maior atenção, já que alguns alunos ainda estavam sendo alfabetizados.

Chama a atenção que as turmas de 1º anos não estão contempladas com o atendimento de reforço. Importante pensarmos que nesse ano inicial o processo ainda é mais lúdico e volta-se para habilidades que eles precisam desenvolver para posteriormente desenvolver esse processo de alfabetização de modo mais sistemático. Se a maioria das crianças atendidas são pelo motivo de problemas de aprendizagem, essas do primeiro ano ainda é de esperar que estariam desenvolvendo suas habilidades em alfabetização, processo esse complexo que requer outros tipos de acompanhamento.

A supervisora apresenta ainda alguns elementos sobre a falta de parceria entre os professores na escola, muitas vezes, demonstrando uma visão de que somente a partir do segundo ano que se nota a dificuldade de aprender a ler e escrever, pois aí sim ele poderia reprovar se apresentar essas limitações no processo. Há uma dificuldade de um trabalho pensado em coletivo, professores do primeiro juntamente com os do segundo para pensar alternativas para alguns alunos. Muitas vezes, não há uma integração entre professores e a supervisora, fato esse que se apresenta até mesmo em relação ao próprio projeto de reforço escolar.

Esse projeto, segundo a supervisora, não é escrito, e nem previsto no Projeto Político Pedagógico. O próprio Conselho Nacional de Educação recomenda que não deva acontecer reprovações desde o ano de 2010 nos primeiros anos de alfabetização. No entanto, essa questão as vezes não é considerada pelos professores.

A Base Nacional Comum Curricular aprovada em 2017 antecipou o fim da alfabetização para o final do segundo ano do Ensino Fundamental. (ALMEIDA, 2019). Pode-se ver um conjunto de políticas que enfatizam a alfabetização deve estar consolidada até o segundo ano. Essa questão merece ser mais discutida, pois a grande maioria dos alunos apresentarão questões que envolvem fragilidades nesse processo que deveria seguir avançando nos anos iniciais, mas ser pensado alternativas de sanar essas questões no decorrer do processo ao invés de reprová-los.

Além disso Almeida (2019) já aponta que crianças com problemas na alfabetização no início da escolarização tendem a levar esses problemas para toda a vida acadêmica, como por exemplo estrutura de textos, a construção e links entre os

parágrafos, o uso de letras maiúsculas e minúsculas, construção frasal, acentuação, pontuação, uso gramatical das frases e palavras, entre outros.

Diante dessas análises pode-se observar que há muitos desafios na escola a fim de pensar essas questões de modo mais coletivo a partir de projetos construídos por todos os envolvidos sem necessariamente culpar os próprios alunos, ou suas famílias ou mesmo os professores.

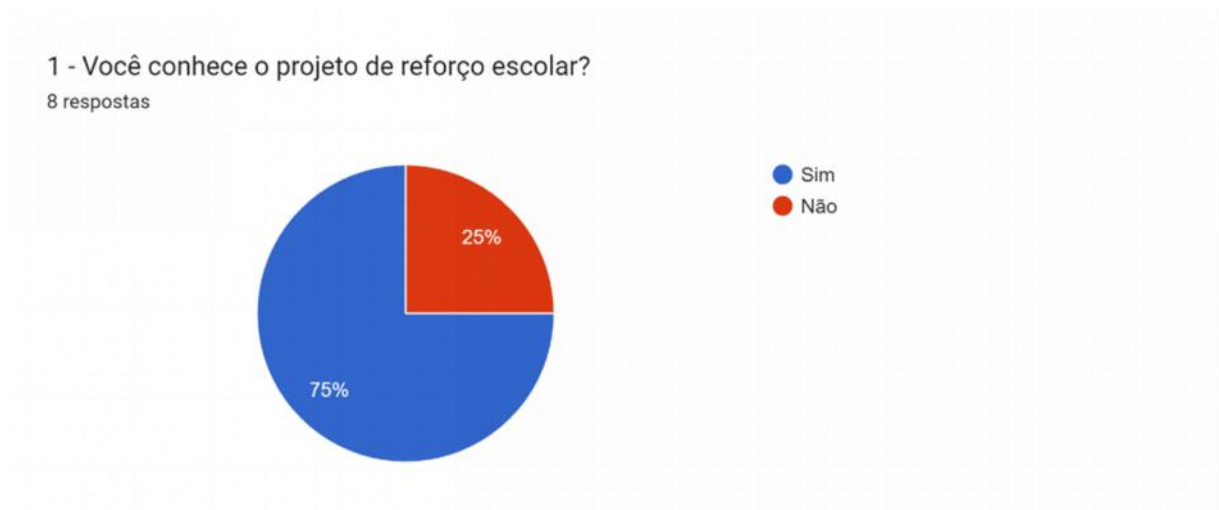
Passamos a seguir a identificar o que dizem os professores em sala de aula sobre o modo como percebem esses alunos e esses desafios no processo inicial de escolarização.

4.2 AS NECESSIDADES DE APOIO AO PROFESSOR PARA QUE TODOS OS ALUNOS APRENDAM

Foram enviados questionários a oito professores de uma escola de um município do Rio Grande do Sul, mesma escola citada acima a qual a supervisora entrevistada atua. Todos os professores retornaram, ou seja, 100% dos participantes deram sua contribuição.

A seguir os gráficos mostram o quanto eles conhecem o projeto.

GRÁFICO 1- Professores que conhecem o projeto de reforço



Fonte: a autora (2022)

Ao ser realizado o primeiro questionamento sobre o Projeto de Reforço Escolar previsto pela escola, 25% dos entrevistados não conhecem o projeto. Santos (2013)

apresenta na sua fala o questionamento da preparação dos profissionais que saem das graduações e escolas normais para assumirem como professores, porém apresentam uma fragilização no processo de formação, no sentido de se envolver na proposta da escola e com isso acabam por desconhecer os programas de melhoria escolar e de aprendizagens.

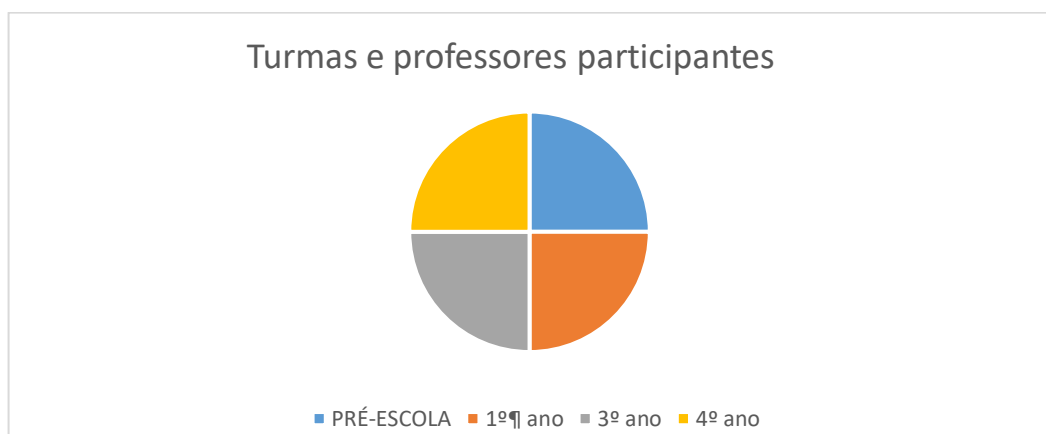
Esse envolvimento de todos os professores poderia muitas vezes contribuir para incentivar que alunos usufruam destas possibilidades para desenvolver seu processo de forma mais qualificada. No entanto, não é também apenas a questão de formação na universidade ou em cursos. A própria escola pode potencializar esses projetos como fonte de discussão e processo mesmo de construção mais coletiva, conforme vimos no subtítulo anterior.

O Projeto de Reforço Escolar foi criado pela escola justamente para evitar a evasão e a repetência dos alunos, principalmente agora, depois que a Pandemia da COVID-19 está nos deixando. As marcas deixadas na população foram seríssimas e as que foram colocadas na educação serão máculas que demorarão alguns anos para serem apagadas.

As demais colegas conhecem o programa e o utilizam para a melhoria estudantil de seus alunos. Porém quatro deles não o utilizam, dois por serem professores da Pré-Escola e o outros dois por não haver reforço para o primeiro ano do fundamental.

Os professores entrevistados trabalhavam com as seguintes turmas: pré-escola, primeiro, terceiro e quarto ano.

GRÁFICO 2 – TURMAS E PROFESSORES PARTICIPANTES



Fonte: a autora (2022)

Quando inqueridos sobre como funcionava o projeto de reforço, os professores souberam responder e dois deles falaram que não há oferta do projeto aos alunos de 1º ano.

“Não há reforço para o 1º ano.”

(Entrevistado 3)

Fato este que chama atenção por ser uma época de escola muito marcante, a da alfabetização e não há suporte para os alunos com dificuldades, o que parece ser bem controverso a tudo que Veiga (2010) e Esteban (2013) falam sobre rever as práticas de avaliação, ou seja, os alunos são avaliados pelo que retiram de informações no ano, porém não podem ter contato com o reforço para fixar os conhecimentos, carece aqui uma nova reflexão de como o projeto de reforço escolar tem sido utilizado, ele tem deixado a base da educação de fora, somente socorrendo os maiores, ainda pautado na não retenção do aluno de um ano para outro.

A próxima pergunta complementa o pensamento sobre a falta de reforço ao primeiro ano, inqueridos sobre quais são os motivos que mais fazem as crianças serem encaminhadas ao reforço escolar, as respostas dadas foram estas:

Entrevistado 2: “Dificuldade de aprendizagem”;

Entrevistado 3: “Dificuldades de aprendizagem”;

Entrevistado 4: ‘Alfabetização’;

Entrevistado 5: ‘Alunos em processo de alfabetização’;

Entrevistado 6: “Alfabetização, 4 operações, leitura, compreensão de texto, organização de caderno...’

Os problemas com aprendizagem na etapa da alfabetização foram as respostas mais recorrentes, confirmando que há uma necessidade de reajuste do programa, mesmo que ele abarque o desejável deixa uma parcela de alunos desassistidos e que provavelmente utilizarão o reforço no ano letivo seguinte. Essa situação traz à berlinda novamente a necessidade de mudança do modo de avaliar os alunos, a percepção de que a superação de um período pós-covid irá apresentar resultados na educação calamitantes. Parece ser necessário e real que o modo de construção do

conhecimento e a mensuração deste se faça de diversas maneiras, pois o aluno irá responder de diferentes formas e todas devem ser levadas em consideração, pois segundo Luckesi (1995 apud VIEIRA, 2010) a avaliação deve ser aliada para gerar conhecimento e não ser uma prática que desenvolve a submissão, tornando o aluno massa de manobra e um modo de seletividade social (VIEIRA, 2010), é preciso ainda segundo Luckesi (1995 apud VIEIRA, 2010) que a escola seja um local de aprofundar o conhecimento e não um local que trava e estigmatiza o ser humano.

A quinta pergunta vem ao encontro do que Figueiredo e Avanzi (2010) trazem como possibilidades para evitar a reprovação, as aulas contraturno com poucos alunos, com olhar individualizado, a atenção no que o aluno tem dificuldade. Quando indagados sobre os resultados do projeto, todos reconheceram que os alunos que fazem parte das aulas conseguem ter avanços significativos dentro do processo ensino-aprendizagem, mostrando que estão num caminho correto e concordam que o projeto da escola ajuda sim a evitar a reprovação, trazendo novas vias para a aprendizagem e fazendo com que o professor também se reinvente e proporcione uma educação mais inclusiva e mais interpessoal.

Assim confirma-se o que Esteban (2010) nos diz que somente dessa maneira haverá uma escola que torce pelo sucesso do aluno, onde a reflexão e a ação do avaliar se modifica com a realidade, trazendo o social para a escola e unindo os dois em prol de uma sociedade realmente democrática e alfabetizada com sucesso.

Porém, uma das falas desta quinta pergunta desperta um outro pensar bastante instigante:

Resultados satisfatórios nos alunos que não faltam às aulas, bem como naqueles que demonstram vontade em aprender e vale destacar também naquelas crianças que não possuem outras questões mais abrangentes de aprendizado.

(Entrevistado 5)

A fala do entrevistado 5 traz uma ideia de quanto é necessário compreender como a avaliação é também subjetiva, “demonstrar vontade em aprender” mostra que há diversas portas para o conhecimento poder chegar ao aluno, muitas vezes a vontade está presente o que não acontece é o estímulo correto, a preparação da aula de forma mais interessante para aquele aluno. Isso traz a ideia de Almeida (2019), da necessidade de mudar o método para conseguir assimilar o conteúdo, é renovar a

metodologia e ajudar o maior número de alunos possível. No entanto, sabemos que essa não pode ser a única forma de avaliar, pois evidências das aprendizagens também precisam ser mensuradas.

Após observar as respostas obtidas dos professores alguns questionamentos ficaram pendentes como por exemplo, por ser um grupo de professores, na sua maioria alfabetizadores chama a atenção como eles explicam nos encaminhamentos quais são os problemas específicos que as crianças de aprendizagem que elas enfrentam.

A maioria respondeu que os alunos são colocados no projeto por problemas com a alfabetização ou com problemas de aprendizagem, ou seja, transmite primeiro uma ideia de pouca clareza sobre o que seria a alfabetização e os problemas de aprendizagem. A segunda dimensão seria a de que a escola não estaria conseguindo alfabetizar a criança no tempo indicado pela lei. E uma terceira ideia é a de que a escola nunca dará conta sozinha de todas as questões de aprendizagem em função da dimensão subjetiva envolvida nesse processo.

Assim, a família das crianças também precisa ser considerada, não cabe apenas ao professor fazer a criança aprender, mas sim um trabalho em conjunto, sociedade e comunidade escolar. Dal'igna (2017) aponta a ideia que não devemos responsabilizar apenas aos pais. Precisamos de um trabalho mais amplo que envolva o coletivo da escola. Há dimensões específicas do professor, tais como o planejamento, os recursos e a avaliação. Mas toda essa dimensão mais ampla é responsabilidade das famílias que precisam se unir aos demais que fazem parte da escola, unindo forças para buscar alternativas.

Portanto, a família sendo estruturada ou não precisa estar junto da escola, sendo parceira e atuando cada um com suas dimensões de responsabilidade nesse processo de escolarização inicial que não se restringe apenas a questão do evitar a reprovação escolar. Diz respeito a qualidade das aprendizagens e da possibilidade de todos tornarem-se sujeitos de suas próprias histórias com menos marcas possíveis do fracasso escolar.

Lendo as respostas obtidas observa-se que nem sempre os profissionais da escola conhecem as possibilidades que o ambiente oferece para considerar a reprovação escolar para além de ser o resultado final do processo, como construir parcerias entre os professores propondo alternativas, como estas de reforço, a fim de proporcionar as crianças outras vivências não apenas reforçando, mas até aquelas

que dizem mais respeito as artes e a cultura, as quais muitas vezes as crianças apresentam restrições de oportunidades para participarem.

A busca não pode ser de um lado só, seja na família, seja nos professores, ou ainda na gestão e supervisão. Precisa ser uma proposta coletiva com todos se apoiando e não se culpando. O projeto de reforço como o explicado pela supervisão, é um passo que apontou para uma possibilidade, mas as escolas podem incentivar a criação desse tipo de proposta de forma constante.

A parceria entre supervisão e os profissionais de educação da escola precisa ser incentivada, tendo o aval da direção para que deste modo também aconteça a gestão democrática de modo coerente com todos os seus envolvidos participando ativamente e cuidando para que a aprendizagem seja para todos. Nesse sentido, a reprovação não será apenas algo a ser evitado, um monstro assustador que decorre na evasão escolar posteriormente. Será algo pensado a partir de uma proposta diferenciada, pois o aluno já teve as oportunidades que a escola poderia oferecer-lhe e, portanto, em alguns casos, a reprovação pode ser sim positiva de modo que esse aluno não tenha apenas mais tempo para repetir o que não aprendeu. Esse aluno precisa ter uma proposta diferenciada que considere os fatores envolvidos nessa não aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização dessa pesquisa fica evidente que há uma complexidade envolvida no processo de escolarização e aprendizagens dos alunos. A questão não passa simplesmente por saber por que alguns alunos são reprovados e de que modo poderia ser evitado. A reprovação precisa ser vista como a última alternativa da escola, pois ela necessariamente deve oferecer propostas diferenciadas com diversos tipos de recursos e oportunidades para todas as crianças nessa etapa mais inicial da escolarização.

Analisando a entrevista da supervisora e os questionários realizados traçou-se um panorama com o pensamento dos teóricos e das leis que foram abarcadas neste trabalho e através desta costura de falas foi possível realizar as seguintes análises que serão sintetizadas a seguir.

Percebe-se com esse estudo que os desafios são muitos e por vezes estão além do alcance da escola. Primeiro, passa pelo apoio da rede de ensino para a criação de projetos como esse que possam contribuir com os professores. Segundo passa pelo envolvimento dos docentes nessa proposta, revistando-a e avaliando-a constantemente. E terceira, passa pelas famílias, pois depois de identificado as questões pelo professor, a conversa é realizada com os responsáveis, para a conscientização tanto da família quanto do próprio aluno, sobre a importância de buscar esse apoio. No entanto, sabe-se que a partir daí são outros problemas, como a falta de comprometimento, de assiduidade, além de questões comportamentais. No entanto, a de se pensar no tipo de proposta oferecida a eles. Não se pode culpá-los ou as suas famílias, mas refletir sobre as possibilidades dessa proposta realmente atingir esses alunos.

Há também esse movimento de pedagogização das famílias que em muitas vezes são apontadas como responsáveis pela alfabetização dos alunos – principalmente neste período da pandemia – onde ficou a cargo dos familiares ensinar e comandar a aprendizagem dos filhos. Hoje de volta as escolas o que se vê é muitas vezes um jogo de “empurra” para as famílias ou para os professores ou mesmo para os alunos a culpa por eles não estarem aprendendo. Precisamos é pensar juntos, professores e famílias para não apenas reforçar o que não sabem, mas oferecer propostas significativas que possam contribuir na aprendizagem mais efetiva de todos.

Nesse sentido, também a avaliação precisa ser revista a fim construir uma proposta mais adequada a realidade da escola.

Muitas mudanças são necessárias, mas esse estudo possibilitou que a autora pudesse visualizar a importância do processo de avaliação. Ficou evidente que não podemos considerar apenas as notas, o resultado final, mas todo o processo de aprendizagem do aluno que envolve para além do conhecimento que se ensina na escola. O caminho é longo, mas projetos como esse podem ser constantemente criados e ressignificados na medida em que cada escola com sua comunidade pode estar preocupada com a aprendizagem para todos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. Reprovação nos anos iniciais: diferentes pontos de vista. Déficit de alfabetização. **Humanista**. 09 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2019/05/09/reprovacao-nos-anos-iniciais-diferentes-pontos-de-vista/>. Acesso em: 09 abr. 2022.

ANDRADE, S.S. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação** Dagmar Estermann Meyer, Marlucy Alves Paraíso, (organizadoras). - Belo Horizonte : Mazza Edições, 2012.

BERNARDES, F.F. **A alfabetização na concepção das professoras dos anos iniciais no Ensino Fundamental**. UFRGS. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72125/000882123.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 07 de maio 2022.

BOFF, M. A. E. **Avaliação da aprendizagem nas séries iniciais**. UFRGS. 2010. Porto Alegre/RS. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/142826/000993637.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 de maio 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. Acesso em: 15 set. 2022.

CHRISTOFARI, A.C. **Avaliação da Aprendizagem e Inclusão Escolar: Trajetórias nos Ciclos de Formação**. UFRGS. Porto Alegre/RS. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13506/000649203.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 05 de maio 2022.

DAL'IGNA, M. C. "A criança que é estimulada em casa, ela vai; a criança que não é tende a ficar, às vezes, um pouco mais para trás": relações entre desempenho escolar, gênero e família. Simpósio Temático 26 – Parto e Maternidade: profissionalização, assistência, políticas públicas. **Seminário Internacional Fazendo Gênero nº 7**. UFSC. 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg7/artigos/M/Maria_Claudia_Dalligna_26.pdf. Acesso em: 09 set. 2022.

ESTEBAN, M. T. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. /Maria Teresa Esteban (org.). 3 ed. Rio de Janeiro, DP & A, 2001.

ESTEBAN, M. T.; **O que sabe quem erra?** Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar. 2 ed. Petrópolis, RJ: DP & A. 2013.

FIGUEIREDO, C.C.; AVANZI, S.. 5 maneiras de evitar a repetência. Notícias. **Nova Escola Gestão**. 01 Fev. 2010. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/682/5-maneiras-de-evitar-a-repetencia>. Acesso em: 10 abr. 2022.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa** / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, N. L. Repetição escolar no Brasil: história da configuração de um problema político-educacional. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2018, v. 23, e230037. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230037>>. Epub 26 Jul 2018. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230037>. Acesso em 10 abr. 2022.

NUNES, R. Repetência: um erro que se repete a cada ano. **Nova Escola**. 01 de junho de 2010. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1889/repetencia-um-erro-que-se-repete-a-cada-ano>. Acesso em: 08 abr. 2022.

RIBEIRO, S. C. A pedagogia da repetência. **Estudos Avançados** [online]. 1991, v. 5, n. 12, pp. 07-21. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S010340141991000200002>>. Epub 10 Fev 2006. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000200002>. Acesso em: 20 mar. 2022

SANTOS, B. B. Avaliação no ciclo da alfabetização: índices de reprovação no terceiro ano. **V COBALF**. Congresso Brasileiro de Alfabetização. 18, 19 e 20 de agosto de 2021. Florianópolis. SC. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/i3%20PC/Desktop/1434-4024-1-PB.pdf>. Acesso em: 12 de abr. 2022.

SANTOS, K. S. **Os contornos da escola: espaços escolares, dificuldades de aprendizagem e organização curricular por ciclos**. UFRGS, Porto Alegre/Rs. 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10646/000597104.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 06 de maio 2022.

SILVEIRA, P. B. **“Me ensina o que você vê?”** Avaliação de Aprendizagem no contexto do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. UFRGS. Porto Alegre/RS. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/149098/001004781.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 de maio 2022.

VIEIRA, E. K. Métodos de avaliação que encaminham o aluno ao sucesso ou ao fracasso escolar. FAGED/UFRGS. Três Cachoeiras. 2010.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Questionário sobre o projeto de reforço escolar, em uma escola de Ensino Fundamental

Prezado (a) participante,

Você está sendo convidado a responder esse questionário, o qual foi desenvolvido como instrumento de coleta de dados para o desenvolvimento da pesquisa parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso, tem como pesquisadora responsável a aluna Sandra Marques Antunes, acadêmica do curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, e como orientadora a Professora Dra. Rejane Ramos Klein.

Agradecemos muito a sua colaboração ao responder as questões. Ao final, consta um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que apresenta as condições de sua participação na pesquisa. Pedimos que leia o termo antes do envio.

*Obrigatório

1 - Você conhece o projeto de reforço escolar? *

Marcar apenas um oval.

Sim Pular para a pergunta 2

Não

Responda as seguintes questões:

2 - Em qual turma dos anos iniciais do Ensino Fundamental, você atua?

3 - Você pode comentar como ocorre o projeto de reforço escolar nesta escola?

4 - Quais os motivos mais frequentes nos encaminhamentos dos alunos para o projeto de reforço?

5 - Como você percebe os resultados desse projeto em relação a aprendizagem dos alunos atendidos?

6 - Você considera que o projeto ajuda a evitar a reprovação? Comente a sua resposta.

PESQUISA: O impacto da não reprovação escolar na prática docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Aluna pesquisadora: Sandra Marques Antunes (UFRGS - CLN)

Professora Orientadora: Dra. Rejane Ramos Klein (UFRGS - CLN)

Prezado(a) Sr(a)

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre o impacto da não reprovação escolar na prática docente nos anos iniciais do ensino fundamental, a ser realizada pela estudante de pedagogia Sandra Marques Antunes e orientada pela Professora Dra. Rejane Ramos Klein. Você está sendo convidado(a) a participar deste estudo. A seguir, esclarecemos e descrevemos as condições e objetivos do estudo:

NATUREZA DA PESQUISA: Esta é uma pesquisa de natureza básica, com abordagem qualitativa exploratória, com intenção de aprofundar o conhecimento sobre o reforço escolar e de identificar e analisar os resultados obtidos através das estratégias utilizadas.

PARTICIPANTES DA PESQUISA: os convidados para participar desta pesquisa são os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, de uma escola municipal em um município da Serra Gaúcha.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo você preencherá um questionário através de documento eletrônico criado e disponibilizado na plataforma Google Forms, sem necessidade de identificação. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo, pode entrar em contato com o(a) Prof.(a) Rejane Ramos Klein, pelo fone (51) 99612-3062, e-mail rejane.klein@ufrgs.br e/ou com a estudante Sandra Marques Antunes pelo fone (54) 99933- 8806, e-mail sandrantunes80@gmail.com.

TERMO DE
CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO PARTICIPANTE

SOBRE O QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA: Serão solicitadas algumas informações básicas/perguntas com relação ao reforço escolar, oferecido e organizado pela escola.

RISCOS: Os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na pesquisa, conforme a Resolução 466/2012 e a Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. Os possíveis riscos são mínimos e são expressos na forma de desconforto ou possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados, seja por medo de não saber responder ou de ser identificado. Tais riscos serão resolvidos com encaminhamentos que garantam cuidados e respeito de acordo com a manifestação do respondente.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais.

Trataremos todas as informações sem que haja identificação de particularidades de cada entrevistado. Os resultados obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos do trabalho expostos acima, incluindo a possível publicação na literatura científica especializada.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados como referência para outros pesquisadores. Além disso, esta pesquisa pode oferecer uma compreensão em relação ao que envolve o reforço escolar e a não reprovação na Educação deste município.

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesas por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao responder o questionário você declara que leu e compreendeu as informações acima, os objetivos desta pesquisa, bem como a forma de participação. Portanto concorda em participar da pesquisa.

Local e data

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.